



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Faculdade de Ciências - Bauru



**MARCOS KALEB LEME DA SILVA VILLELA PERES**

**FATORES MOBILIZADORES NAS AULAS DE  
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: PERCEPÇÕES E  
EXPERIÊNCIAS DOS ALUNOS**

Bauru  
2025

MARCOS KALEB LEME DA SILVA VILLELA PERES

FATORES MOBILIZADORES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:  
PERCEPÇÕES E EXPERIÊNCIAS DOS ALUNOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Faculdade de Ciências, Câmpus de Bauru, para obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Willer Soares Maffei

Bauru  
2025

Peres, Marcos Kaleb Leme da Silva Villela.  
Fatores mobilizadores nas aulas de educação física escolar: percepções e experiências dos alunos / Marcos Kaleb Leme da Silva Villela Peres. - Bauru, 2025  
38 f.: il.

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Educação Física) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências, Bauru  
Orientador: Willer Soares Maffei

1. Educação Física. 2. Percepção dos alunos. 3. Mobilização. I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências. II. Fatores mobilizadores nas aulas de educação física escolar: percepções e experiências dos alunos.

MARCOS KALEB LEME DA SILVA VILLELA PERES

FATORES MOBILIZADORES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:  
PERCEPÇÕES E EXPERIÊNCIAS DOS ALUNOS

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Faculdade de Ciências da  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de  
Mesquita Filho” - Faculdade de Ciências,  
Câmpus de Bauru, para obtenção do grau  
de Licenciado em Educação Física.

Data da defesa: 25 / 11 / 2025

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Willer Soares Maffei  
UNESP - Faculdade de Ciências - Campus de Bauru

---

Prof. Dr. Carlos Eduardo Lopes Verardi  
UNESP - Faculdade de Ciências - Campus de Bauru

---

Profa. Dra. Giseli Fregolente Pastrinhani  
Professora da Rede Estadual de Ensino

## Resumo

A Educação Física escolar no Brasil foi marcada por diferentes fases e proposições pedagógicas, sendo a tendência esportivista dominante entre 1964 e 1985, quando a disciplina se tornou sinônimo de esporte. Nesse período, a relação professor-aluno se assemelhava a uma relação técnico-atleta, priorizando a competição e excluindo alunos sem habilidades específicas. Atualmente, a Educação Física é definida como um componente curricular que introduz e integra o aluno na cultura do movimento, buscando capacitá-lo a utilizar jogos, esportes, danças, lutas e ginástica para exercer uma cidadania crítica e melhorar a qualidade de vida. A Educação Física costuma despertar um maior interesse dos alunos em comparação com outros componentes do currículo básico, devido a fatores externos como o espaço físico diferenciado, a sensação de liberdade proporcionada pelo movimento e às atividades lúdicas e competitivas, e por fatores internos dos alunos, um movimento interior ao qual atribuem sentido e significados pessoais, que chamamos de mobilização. O presente estudo constitui uma pesquisa descritiva de abordagem quanti-qualitativa, realizada com 80 alunos do Ensino Fundamental II de uma escola estadual do interior paulista. Os dados foram coletados por meio de um questionário com questões abertas e fechadas, aplicado aos alunos e posteriormente organizados em gráficos e tabelas, analisados e interpretados de forma descritiva e comparativa à luz do referencial teórico. Os resultados apontam que o ambiente da quadra é o mais mobilizador, seguido das aulas que combinam espaços (sala e quadra), e que as brincadeiras e jogos são os conteúdos que mais despertam interesse e participação, enquanto as danças apresentam os menores índices de envolvimento. Verificou-se ainda uma distância entre os conteúdos trabalhados e os interesses manifestados pelos alunos, evidenciando a necessidade de metodologias mais significativas e contextualizadas. Conclui-se que a mobilização dos alunos está fortemente associada ao ambiente de prática, ao tipo de conteúdo e à metodologia adotada, reforçando o papel da Educação Física escolar como espaço essencial de vivência e formação dentro da cultura corporal de movimento.

**Palavras-chave:** Educação Física. Percepção dos alunos. Mobilização.

## Abstract

The beginning of Physical Education in Brazilian schools was marked by different phases and pedagogical approaches, with the sport-oriented trend being dominant between 1964 and 1985, when the discipline became synonymous with sport. During this period, the teacher-student relationship resembled that of coach and athlete, prioritizing competition and excluding students without specific skills. Currently, Physical Education is defined as a curricular component that introduces and integrates students into the culture of movement, aiming to enable them to use games, sports, dances, martial arts, and gymnastics to exercise critical citizenship and improve their quality of life. Physical Education usually arouses greater interest among students compared to other curricular subjects, due to external factors such as differentiated physical spaces, the sense of freedom provided by movement, and the playful and competitive nature of activities, as well as internal factors related to the meanings and personal significance attributed to practice — a process referred to as mobilization. This study is a descriptive research with a quantitative and qualitative approach, conducted with 80 students from lower secondary education in a state school located in the interior of São Paulo. Data were collected through a questionnaire containing open and closed questions, administered to students and later organized into charts and tables, then analyzed and interpreted descriptively and comparatively in light of the theoretical framework. The results indicate that the court is the most mobilizing environment, followed by classes that combine spaces (classroom and court), and that games and play activities are the most engaging contents, while dance activities show the lowest participation levels. There was also a noticeable gap between the contents taught and the students' expressed interests, highlighting the need for more meaningful and contextualized teaching methodologies. It is concluded that student mobilization is strongly associated with the practice environment, the type of content, and the teaching methodology adopted, reinforcing the role of school Physical Education as an essential space for experience and learning within the culture of body movement.

**Keywords:** Physical Education. Students' perception. Mobilization.

## Sumário

<b>1. Introdução.....</b>	<b>8</b>
<b>2. Justificativa.....</b>	<b>10</b>
<b>3. Objetivos.....</b>	<b>11</b>
3.1. Objetivo geral:.....	11
3.2. Objetivos específicos:.....	11
<b>4. Revisão de Literatura.....</b>	<b>12</b>
4.1. Educação física escolar: do esporte à transição de valores.....	12
4.2. Fazer sentido para mobilizar.....	14
4.3. Mobilizar para aprender.....	15
<b>5. Método.....</b>	<b>17</b>
5.1. Tipo de Pesquisa.....	17
5.2. Instrumentos e Materiais de Coleta de Dados.....	17
5.3. Participantes e Procedimentos de Coleta de Dados.....	18
5.4. Análise de Dados.....	20
<b>6. Resultados.....</b>	<b>20</b>
6.1. Participação nas aulas de Educação Física.....	21
6.2. Participação conforme as unidades temáticas.....	22
6.3. O que os professores mais ensinam, segundo os alunos.....	23
6.4. O que os alunos gostariam de aprender.....	24
6.5. Práticas corporais fora da escola.....	25
6.6. Componentes curriculares de maior e menor preferência.....	26
<b>7. Discussão.....</b>	<b>27</b>
7.1. Participação dos alunos e influência do ambiente.....	27
7.2. Temáticas mobilizadoras: contraste tradição e inovação.....	28
7.3. O que é ensinado e o que os alunos gostariam de aprender.....	29
7.4. Práticas corporais fora da escola e a importância da EF escolar.....	30
<b>8. Conclusão.....</b>	<b>31</b>
<b>9. Referências.....</b>	<b>33</b>
<b>10. Anexo.....</b>	<b>36</b>
10.1. TCLE.....	36
10.2. TALE.....	37
10.3. QUESTIONÁRIO.....	38

## 1. Introdução

Desde seu surgimento no Brasil, a educação física escolar passou por diversas e diferentes fases e proposições pedagógicas, cada uma com uma característica própria que norteava o papel da educação e sua influência na sociedade. Das mais recentes, mais especificamente de 1964 a 1985, a tendência esportivista toma conta da educação física escolar, fazendo com que esta se tornasse sinônimo de esporte. Conforme aponta Darido (2012), nesse período a relação professor-aluno tornou-se uma relação técnico-atleta, excluindo aqueles que não possuem habilidades, sendo a competição o objetivo do processo. Atualmente, o Conselho Federal de Educação Física aponta que a Educação Física é um componente curricular que introduz e incorpora o aluno na cultura corporal de movimento, formando o sujeito que vai gerar, reproduzir e transformar a cultura, preparando o aluno para desfrutar dos jogos, esportes, lutas, as danças e as ginásticas em benefício do exercício crítico dos direitos e deveres do cidadão e da melhoria da qualidade de vida.

Dentre todos os componentes do currículo básico, a educação física representa aquela que desperta maior interesse por parte dos alunos, conforme é apontado por Martins e Santos (2013), o que pode estar relacionado ao espaço físico em que são desenvolvidas as atividades, com características distintas das salas de aula convencionais, juntamente com sensações de liberdade vivenciada por meio do movimento como eixo principal, e suas direções como jogos, brincadeiras e competitividade relacionada ao componente. Tais afirmações deixam claro como os alunos apresentam motivação diferente quando apresentados à aula de educação física, em relação às demais disciplinas da escola.

O papel da Educação Física, segundo Betti (1994) é propor “motivos geradores de sentido” e, isso se dá na apropriação crítica de diversos elementos da cultura de movimento. Diante da concepção apresentada pelo autor, emerge uma questão: “O que mobiliza os alunos para a aula de educação física?”. A escolha pelo termo “mobilizar” ao invés de “motivar”, deu-se a partir da ideia de Charlot (2000), onde a mobilização se refere ao movimento interior que ocorre quando o aluno integra e interioriza o conhecimento transmitido nas aulas, fazendo com que ele venha a fazer parte de seu próprio mundo interno. Esse processo envolve uma relação ativa com o conhecimento, em que o aluno atribui significado pessoal, constrói conexões com suas experiências e valores, e transforma seu modo de pensar e agir. Por outro lado, o termo “motivação” relaciona-se aos estímulos e incentivos externos que impulsionam o aluno a se engajar na aprendizagem. A mobilização vai além, envolvendo um movimento

interno de apropriação e transformação do conhecimento. Portanto a mobilização é um conceito mais abrangente que inclui tanto a motivação quanto a interiorização do conhecimento. Logo, Charlot utiliza o termo "mobilizar" para enfatizar a importância do envolvimento ativo e da interiorização do conhecimento pelos alunos, indo além da simples motivação externa, nos trazendo a este ponto de buscar uma melhor compreensão sobre o que mobiliza os alunos, para assim tornar possível a promoção de uma aprendizagem real e significativa aos alunos.

Para responder a essa questão, definiu-se como objetivo geral compreender os fatores que mobilizam os alunos durante as aulas de Educação Física escolar, identificando como tais aspectos se relacionam com seus interesses, vivências e expectativas. Como objetivos específicos, busca-se: Verificar o nível de participação dos alunos em diferentes contextos e conteúdos da Educação Física escolar; Identificar quais práticas e conteúdos são mais e menos mobilizadores na percepção dos alunos; Analisar a relação entre o que é ensinado pelos professores e o que os alunos gostariam de aprender; Investigar em que medida as práticas corporais realizadas fora da escola se relacionam com a mobilização nas aulas.

Por fim, este trabalho está estruturado em capítulos que se complementam. Após esta introdução, apresenta-se a revisão de literatura, que discute o percurso histórico da Educação Física escolar e os conceitos de mobilização e aprendizagem significativa. Em seguida, descrevem-se os materiais e métodos, detalhando o percurso metodológico adotado. Na sequência, são apresentados os resultados obtidos, acompanhados de sua discussão à luz da literatura. Por fim, o estudo é concluído com as considerações finais, apontando contribuições, limites e possíveis desdobramentos da pesquisa.

## 2. Justificativa

Nas últimas décadas, a Educação Física escolar vem sendo repensada à luz de proposições que superam o enfoque técnico e competitivo que historicamente caracterizou o componente curricular. As transformações curriculares e conceituais evidenciam uma mudança de paradigma, na qual o movimento passa a ser compreendido como expressão da cultura, da subjetividade e das relações humanas. No entanto, apesar desse avanço teórico, as práticas escolares ainda enfrentam dificuldades para promover uma aprendizagem realmente significativa e mobilizadora.

Pesquisas recentes têm evidenciado esse descompasso entre teoria e prática. Betti *et al.* (2019), em estudo com 400 estudantes, verificaram que o envolvimento dos alunos nas aulas está fortemente associado ao ambiente e ao tipo de atividade proposta, sendo as aulas em espaços abertos e os jogos coletivos os principais elementos de mobilização. Já Oliveira e Darido (2021a) identificaram que, embora os alunos percebam a Educação Física como espaço de liberdade e convivência, a falta de inovação metodológica e a repetição de práticas tradicionais geram desinteresse. De forma complementar, Silva *et al.* (2023) constataram que brincadeiras e jogos continuam sendo as atividades mais valorizadas, enquanto danças e atividades rítmicas são rejeitadas por motivos culturais e emocionais, como vergonha e falta de identificação.

Esses estudos convergem ao demonstrar que a mobilização dos alunos depende da relação entre o ambiente, o conteúdo e a metodologia adotada, e que o sentido atribuído à prática corporal é determinante para a mobilização. Contudo, ainda são escassas as pesquisas que exploram essa questão no contexto da escola pública paulista, especialmente em turmas do Ensino Fundamental II.

Dessa forma, este estudo se justifica pela necessidade de compreender as percepções dos alunos sobre os fatores que influenciam sua participação nas aulas de Educação Física, de modo a contribuir para práticas pedagógicas mais significativas, que ampliem a mobilização e o sentido da aprendizagem. Ao investigar o que mobiliza os alunos, busca-se oferecer subsídios teóricos e práticos para professores, ampliando o diálogo entre as políticas curriculares, como o Currículo Paulista, e a realidade vivida nas escolas.

### **3. Objetivos**

#### **3.1. Objetivo geral:**

Identificar os fatores que mobilizam os alunos nas aulas de Educação Física escolar, considerando a influência do ambiente, dos conteúdos e das metodologias.

#### **3.2. Objetivos específicos:**

- Analisar as percepções dos alunos sobre o ambiente de aula e sua relação com a participação;
- Investigar quais conteúdos e atividades despertam maior interesse e envolvimento;
- Compreender de que forma a metodologia e a mediação docente interferem na mobilização discente.

## 4. Revisão de Literatura

### 4.1. Educação física escolar: do esporte à transição de valores.

A trajetória da Educação Física escolar no Brasil reflete as transformações sociais, políticas e culturais que marcaram a história da educação nacional. Desde sua inserção no currículo, ainda no século XIX, a disciplina foi permeada por diferentes concepções e finalidades, variando entre o controle do corpo, a formação moral e cívica, a promoção da saúde e o desenvolvimento esportivo (Bracht, 2003).

Durante o período da ditadura militar (1964–1985), consolidou-se a tendência esportivista, fortemente influenciada por ideais tecnicistas e biologicistas, que concebiam o corpo como instrumento de rendimento e eficiência. Essa abordagem priorizava o desenvolvimento físico e a disciplina, reforçando a lógica da obediência e da padronização dos gestos (Soares *et al.*, 2009). A figura do professor aproximava-se da de um técnico esportivo, e o aluno era tratado como atleta em potencial, o que resultava em exclusões frequentes dos menos habilidosos. Nesse modelo, o ensino da Educação Física era restrito ao “saber fazer”, desprovido de reflexão crítica, e a participação estava subordinada ao desempenho.

A partir da década de 1980, o contexto social e educacional brasileiro passou a exigir novas leituras sobre o papel da Educação Física. As mudanças políticas e a redemocratização do país impulsionaram uma crise de identidade na área, provocando um movimento de reconstrução teórica e metodológica. Surgem, então, proposições críticas e humanizadoras que passam a compreender o corpo e o movimento como expressões da cultura, e não apenas como objetos de treinamento.

A proposição crítico-superadora, formulada por Soares *et al.* (2009), inaugura um novo paradigma ao propor a cultura corporal de movimento como objeto de estudo da Educação Física escolar. Essa concepção entende o movimento humano como uma manifestação cultural e histórica, que carrega valores, significados e ideologias. A proposta visa superar a alienação e promover a emancipação dos alunos, permitindo-lhes compreender e intervir criticamente nas práticas corporais que produzem e reproduzem sentidos sociais. Assim, a Educação Física deixa de ser mera aplicação de técnicas corporais e assume o compromisso de formar cidadãos críticos, conscientes e participativos.

Na mesma década, Kunz (1994) propõe a proposição crítico-emancipatória, sustentada pela Teoria Crítica de Habermas. Para o autor, a Educação Física deve desenvolver as dimensões da compreensão, comunicação e emancipação por meio do movimento. O processo pedagógico deve promover a autonomia do aluno, a reflexão sobre a prática e a superação das

relações de dominação presentes no modelo tecnicista. Nessa perspectiva, o movimento é uma forma de linguagem e comunicação social, e o professor atua como mediador de experiências significativas.

Outra contribuição importante é a proposição desenvolvimentista, proposta por Tani, Manoel e Kokubun (1988), que vê a Educação Física como meio de desenvolvimento global do aluno. Essa visão considera o corpo em sua totalidade (motora, cognitiva e afetiva) e defende que o ensino deve respeitar as fases de crescimento e aprendizagem. Diferentemente da lógica do rendimento, essa proposição enfatiza o processo e não o resultado, valorizando o aprendizado contínuo e o prazer do movimento.

No mesmo período, Darido (2003, 2012) e Betti (1995, 2020) ampliaram o debate ao propor uma Educação Física centrada na significação da prática corporal. Para Betti, o papel da escola é garantir o acesso de todos os alunos às diversas manifestações da cultura corporal de movimento, em um processo que valoriza o sentido, o valor e a intencionalidade das experiências. A Educação Física, portanto, deve contribuir para a formação integral do aluno, promovendo não apenas a saúde física, mas também o desenvolvimento moral, ético e social.

Outra vertente que influenciou a transição de valores é a proposição construtivista-interacionista, defendida por Freire e Scaglia (2003). Essa perspectiva valoriza o aluno como protagonista da aprendizagem, capaz de construir conhecimento a partir da experimentação e da interação com os outros. O jogo e a ludicidade assumem papel central, pois permitem a expressão de emoções, regras e estratégias cognitivas, elementos fundamentais para a aprendizagem significativa e para a mobilização dos estudantes.

Com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998), consolida-se a visão da Educação Física como componente curricular vinculado à formação cidadã e cultural. Os PCN incorporam elementos das proposições críticas e humanistas, propondo que a escola ofereça oportunidades para que os alunos experimentem, compreendam e reflitam sobre as práticas corporais como parte de sua cultura. Essa orientação foi posteriormente reafirmada pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), que mantém a Educação Física no eixo da cultura corporal e enfatiza o desenvolvimento de competências relacionadas à autonomia, ao respeito à diversidade e à construção de sentidos para o movimento. Dessa forma, a transição de valores na Educação Física escolar brasileira revela o deslocamento de um modelo centrado no corpo-instrumento, voltado à performance e ao controle, para um modelo centrado no corpo-sujeito, que se movimenta com intencionalidade, emoção e significado. Essa mudança não se restringe a novas metodologias, mas implica uma revisão

profunda do papel pedagógico do professor e do sentido atribuído ao movimento no ambiente escolar.

Ao compreender a Educação Física como campo de produção de cultura e conhecimento, a escola passa a ser espaço de experiência e de vivência, onde o aluno é convidado a mobilizar-se não apenas fisicamente, mas também afetiva e cognitivamente. Essa concepção, alinhada a autores como Charlot (2000) e Larrosa (2002), reforça a ideia de que o saber nasce da experiência e do significado que o sujeito atribui à sua ação. Assim, a mobilização nas aulas de Educação Física torna-se expressão concreta da relação entre o aluno e o sentido do aprender, revelando o potencial educativo do movimento.

#### **4.2. Fazer sentido para mobilizar**

Bondía (2002) em “Notas sobre a experiência e o saber da experiência” traz uma forma diferenciada de enxergar a educação. Bondía aponta que a educação é vista sob dois pontos de vista: (1) ponto de vista advindo da corrente positivista, baseado na ciência e na técnica; e (2) baseado na política e na crítica, defendendo a ideia de que o professor tem que desenvolver um lado crítico. No entanto, o autor propõe uma terceira forma de enxergar a educação: a Educação baseada na experiência e no sentido. Ao tratar acerca do saber da experiência Bondía (2002, p.21) declara: “o saber da experiência é aquilo que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que lhe vai acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece”.

O saber da experiência é aquilo que nos é particular, subjetivo, relativo, contingente e pessoal. Bondía (2002) toma o saber da experiência como algo próprio de cada um, se duas pessoas vivem um mesmo acontecimento, cada pessoa vai ter a sua experiência. O acontecimento pode ser o mesmo, mas a experiência é diferente para cada um, é singular e de certa forma impossível de ser replicada. Além disso, o autor afirma que “O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna” (Bondía, 2002, p. 27). Tendo em vista tal fato, demonstra-se que o saber da experiência provém das vivências individuais de cada um, daquilo que cada pessoa se envolveu e sentiu. Ao tratar da ciência moderna de Bacon e Descartes, Bondía toma isso com pesar, como se a ciência estivesse acabado de certa forma com a experiência, pois converte a experiência em método, tornando essa experiência uma via segura da ciência.

Ao abordar a experiência pela ciência moderna, Bondía (2002, p. 28) relata:

Aparece assim a ideia de uma ciência experimental. Mas aí a experiência converteu-se em experimento, isto é, em uma etapa no caminho seguro e previsível da ciência. A experiência já não é o que nos acontece e o modo como lhe atribuímos

ou não um sentido, mas o modo como o mundo nos mostra sua cara legível, a série de regularidades a partir das quais podemos conhecer a verdade do que são as coisas e dominá-las.

Nesta perspectiva, a existência humana se torna carente de real experiência, pois se fez pobre e necessitada, e o conhecimento moderno já não é o saber ativo que era capaz de sustentar, que direcionava e dava um norte para as pessoas, mas algo que se torna subjetivo, estéril e desligado dessa vida em que já não pode encarnar-se.

A Educação Física, enquanto componente curricular, tem como objeto de estudo a cultura corporal de movimento, compreendida como o conjunto de práticas corporais produzidas e ressignificadas social e historicamente como jogos, danças, lutas, ginásticas e esportes (Soares et al., 2009). Nessa perspectiva, Betti (2020) amplia essa concepção ao destacar que a Educação Física deve possibilitar vivências significativas da cultura corporal, nas quais o movimento é entendido como forma de expressão, comunicação e produção de sentidos. No contexto escolar, ela se expressa principalmente por meio da prática, o que nos leva a refletir sobre as experiências que são de fato possibilitadas aos alunos e se estas são vivenciadas como experiências significativas, que produzem sentido e aprendizagem, ou apenas como experimentos, limitados à execução de movimentos e tarefas sem reflexão.

Bondía (2002, p. 28) explica essa diferença ao declarar:

Se o experimento é genérico, a experiência é singular. Se a lógica do experimento produz acordo, consenso ou homogeneidade entre os sujeitos, a lógica da experiência produz diferença, heterogeneidade e pluralidade. Se o experimento é preditivo, é previsível, a experiência tem sempre uma dimensão de incerteza que não pode ser reduzida. (...) Se o experimento é repetível, a experiência é irrepetível.

A condução das atividades propostas e experimentadas pelos alunos tem o caráter de mobilizá-los ou não, sendo algo que experienciam e trazem sentido à eles. As experiências proporcionadas aos alunos e o sentido que dão às experiências vividas, mais do que os métodos e atividades, são de suma importância para que desperte seus sentidos e os mobilize para a aula a fim de aprender.

### **4.3. Mobilizar para aprender**

A teoria da relação com o saber, proposta por Bernard Charlot (2000), oferece uma importante lente para compreender o processo de aprendizagem e o modo como os alunos se mobilizam nas práticas escolares. Para o autor, aprender não se limita à aquisição de informações, mas envolve uma relação existencial do sujeito com o mundo, com os outros e consigo mesmo. Essa relação é marcada por três dimensões fundamentais: mobilização, atividade e sentido, conceitos interdependentes que, quando articulados, permitem compreender como o conhecimento adquire significado para quem aprende.

O primeiro conceito, mobilização, diz respeito ao movimento interior que leva o sujeito a agir, a investir energia e desejo na aprendizagem. É o impulso interno que faz o aluno se mobilizar com o objeto de estudo e persistir diante das dificuldades. Segundo Charlot (2000), mobilizar-se é “entrar em movimento em direção a algo”, e esse movimento nasce de uma motivação pessoal, afetiva e simbólica, não apenas de estímulos externos. Assim, um aluno mobilizado é aquele que reconhece um valor pessoal e social no aprender, ou seja, encontra sentido naquilo que faz.

O segundo conceito, atividade, refere-se à ação concreta que o sujeito realiza para alcançar uma meta. No campo educacional, a atividade é o próprio ato de aprender, pois envolve o conjunto de estratégias, tentativas e interações que o aluno utiliza para se aproximar do conhecimento. É por meio da atividade que a mobilização se materializa: o desejo de aprender se transforma em prática, em esforço cognitivo e corporal. Charlot ressalta que toda atividade é orientada por uma finalidade, e sua eficácia depende da intensidade e da continuidade da mobilização que a sustenta.

Por fim, o conceito de sentido é o elemento que dá coerência e valor à relação com o saber. O sentido não está no conteúdo em si, mas na relação que o sujeito estabelece com ele. É construído a partir da história de vida, das experiências e das expectativas de quem aprende. Em outras palavras, o sentido é aquilo que faz com que aprender “valha a pena”. Quando o aluno percebe que o conhecimento dialoga com suas vivências, interesses ou projetos de vida, ele atribui significado à aprendizagem, o que fortalece sua mobilização e sua atividade.

Esses três conceitos não atuam de forma isolada: há entre eles uma relação circular e dinâmica. A mobilização impulsiona a atividade; a atividade, quando vivida de maneira significativa, reforça o sentido; e o sentido, ao se consolidar, retroalimenta a mobilização. É nesse ciclo que se constrói uma aprendizagem real e duradoura, capaz de integrar o desejo, a ação e o significado. Por isso, Charlot (2001) afirma que a escola precisa ser um espaço de experiências dotadas de sentido, nas quais o aluno reconheça o valor do saber e perceba a si mesmo como sujeito que aprende. Principalmente na Educação Física, onde esses conceitos ganham uma dimensão concreta e visível. A mobilização se manifesta na disposição dos alunos para participar das aulas e se envolver nas atividades; a atividade ocorre no fazer corporal, nas interações, nos jogos, nas descobertas e superações vividas em grupo; e o sentido emerge quando o aluno compreende por que e para que se movimenta, quando o movimento deixa de ser mera execução e passa a ser expressão, prazer e autoconhecimento.

Portanto, a mobilização nas aulas de Educação Física significa reconhecer que a mobilização dos estudantes não depende apenas da atividade proposta, mas da maneira como

o professor cria condições para que o movimento tenha significado. A escolha dos conteúdos, o ambiente, as estratégias de ensino e a relação pedagógica se tornam elementos fundamentais para que os alunos se vejam como sujeitos ativos do próprio aprendizado. É nessa articulação entre mobilização, atividade e sentido que a Educação Física pode cumprir seu papel de formação integral, promovendo experiências que ultrapassam o corpo em movimento e alcançam a dimensão simbólica, afetiva e social do aprender.

## **5. Método**

### **5.1. Tipo de Pesquisa**

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa com delineamento descritivo.

A pesquisa qualitativa, conforme define Minayo (2012, p. 21), preocupa-se com um nível de realidade que não pode ser quantificado, investigando "o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes". Ou seja, ela busca compreender profundamente as percepções e experiências dos participantes, que é exatamente o foco deste trabalho ao buscar entender os fatores mobilizadores nas aulas de Educação Física.

Quanto à sua finalidade, de acordo com Gil (2019), as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de uma determinada população ou fenômeno e o estabelecimento de relações entre variáveis. Neste caso, busca-se descrever e analisar as percepções dos alunos sobre os fatores que os mobilizam, estabelecendo relações com as unidades temáticas e ambientes das aulas.

Para alcançar os objetivos propostos, optou-se por uma estratégia de coleta de dados que combinou abordagens qualitativas e quantitativas (questionário com perguntas abertas e fechadas), configurando uma pesquisa de método misto, na qual os dados numéricos complementam a análise interpretativa do conteúdo, oferecendo uma visão mais abrangente do problema de pesquisa (Creswell; Clark, 2007).

O delineamento da pesquisa é não-experimental e a amostra foi selecionada por acessibilidade ou conveniência, uma vez que os participantes foram escolhidos por sua disponibilidade e proximidade, sendo alunos de uma escola pública previamente definida (Gil, 2019).

### **5.2. Instrumentos e Materiais de Coleta de Dados**

Para a coleta de dados, foi utilizado como instrumento principal um questionário semiestruturado, elaborado na plataforma *Google Forms*, contendo:

- Perguntas fechadas para coleta de dados de caracterização da amostra (idade, sexo) e de mensuração da participação em diferentes contextos e unidades temáticas.
- Três perguntas abertas, que permitiram aos alunos expressarem livremente suas percepções:
  1. "O que seu professor mais ensina nas aulas de Educação Física?"
  2. "O que você gostaria de aprender nas aulas de Educação Física?"
  3. "Você realiza alguma prática corporal fora da escola (ex.: futebol, judô, dança etc.)? Qual?"

O *Google Forms* funcionou como ferramenta de registro e organização das respostas. O pesquisador, durante a aplicação presencial, preenchia o formulário online com as respostas de cada aluno à medida que a entrevista individual era conduzida. Dessa forma, os dados foram automaticamente compilados e organizados em uma planilha eletrônica, agilizando o processo de tabulação e análise.

Os dados quantitativos, provenientes das questões fechadas, foram organizados em planilhas no software Excel® para fins de tabulação e cálculo de frequências simples e relativas. Essa etapa teve o objetivo de quantificar as respostas e identificar padrões de ocorrência, permitindo uma análise descritiva dos resultados, conforme orientam Gil (2019) e Lakatos e Marconi (2017) para estudos de natureza descritiva. Assim, as informações numéricas foram tratadas de forma a expressar tendências gerais de participação e preferência dos alunos nas aulas de Educação Física.

Já a análise qualitativa das questões abertas seguiu um processo de categorização temática, no qual as respostas foram lidas, agrupadas e classificadas de acordo com as ideias centrais expressas pelos participantes. Esse procedimento, fundamentado em Bardin (2016), permitiu identificar significados e percepções recorrentes relacionados à mobilização dos alunos. As categorias emergiram de maneira indutiva, a partir dos próprios dados, buscando captar as representações e sentidos atribuídos pelos estudantes às experiências vividas nas aulas. Os resultados quantitativos foram apresentados em gráficos e tabelas para facilitar a visualização e interpretação dos dados, complementando a análise descritiva.

### **5.3. Participantes e Procedimentos de Coleta de Dados**

A coleta de dados foi realizada com 80 alunos do ciclo 2 do ensino fundamental, do 8º e 9º anos (faixa etária de 12 a 16 anos) de uma escola pública estadual da cidade de Bauru, SP. A escolha por esta faixa etária deve-se ao fato de os alunos estarem em uma fase de maior

autonomia para reflexão e expressão de suas percepções, além de serem séries em que os conteúdos da Educação Física escolar estão consolidados no currículo. A seleção da escola e das turmas foi por conveniência. Dentro dessas turmas, a seleção dos alunos seguiu também um critério de conveniência, baseado na presença em sala de aula no dia da aplicação do questionário.

O procedimento de aplicação do questionário foi realizado individualmente e de forma presencial. O pesquisador conduziu a aplicação de forma individual com cada participante, lendo as questões em voz alta e o mesmo preenchia pessoalmente o formulário online (*Google Forms*) com as respostas fornecidas pelos alunos. Este método foi escolhido para garantir que todos os participantes compreendessem plenamente as perguntas, minimizar possíveis ruídos de interpretação e assegurar que todos os questionários fossem respondidos por completo.

Para garantir o rigor e a confiabilidade das respostas, uma série de procedimentos foi adotada:

- Ambiente e Controle: As aplicações foram realizadas em um ambiente reservado dentro da escola, fora da sala de aula convencional, para minimizar interrupções e conversas paralelas. Os alunos foram atendidos individualmente, garantindo total sigilo e anonimato em suas respostas.
- Comunicação: Os alunos não foram avisados com antecedência sobre a aplicação do questionário, a fim de evitar que conversassem previamente sobre o tema e para captar suas percepções espontâneas.
- Papel do Professor: O professor regente de Educação Física não estava presente durante a aplicação dos questionários. Isso foi intencional para evitar qualquer viés de deseabilidade social, onde o aluno pudesse sentir-se influenciado a dar respostas que julgasse ser o que o professor queria ouvir.

A pesquisa é parte integrante da pesquisa intitulada FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DOCENTE: REFLEXÕES SOBRE EXPERIÊNCIAS DE VIDA DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA COM PRÁTICAS INOVADORAS, Coordenada pelo prof. Dr. Willer Soares Maffei, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual Julio de Mesquita Filho/Bauru, sob o Parecer nº 3.261.852. Em conformidade com os princípios éticos da pesquisa envolvendo seres humanos, o anonimato da instituição e de todos os participantes foi garantido. Os responsáveis pelos alunos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e os alunos, o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), concordando em participar voluntariamente da pesquisa. Para preservar

a identidade dos participantes, os alunos foram identificados apenas por códigos numéricos (A1, A2, A3...) ao longo da análise e discussão dos resultados, garantindo o anonimato e o cumprimento dos princípios éticos estabelecidos pela Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

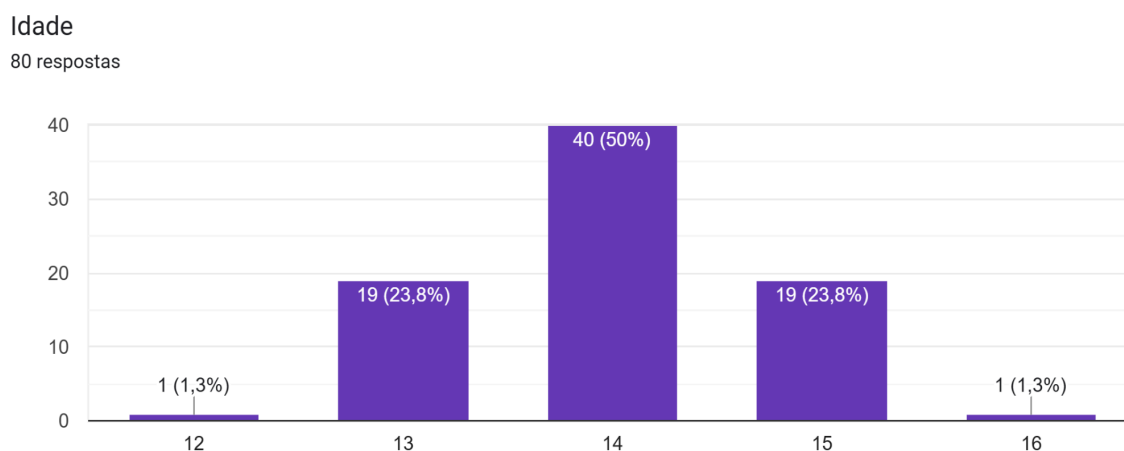
#### 5.4. Análise de Dados

Os dados foram analisados a partir de uma perspectiva quali-quantitativa. Para as questões fechadas, os dados foram tabulados no Excel® e analisados por meio de cálculo de frequências absolutas e relativas (percentuais).

Para as questões abertas, utilizou-se a técnica de Análise de Conteúdo, conforme proposto por Bardin (2016). O processo seguiu as seguintes etapas: 1) Pré-análise: leitura fluente das respostas e organização do material; 2) Exploração do material: codificação e identificação de núcleos de sentido para agrupar as respostas em categorias temáticas; e 3) Interpretação: inferência e reflexão sobre as categorias identificadas, relacionando-as com o referencial teórico e os objetivos da pesquisa.

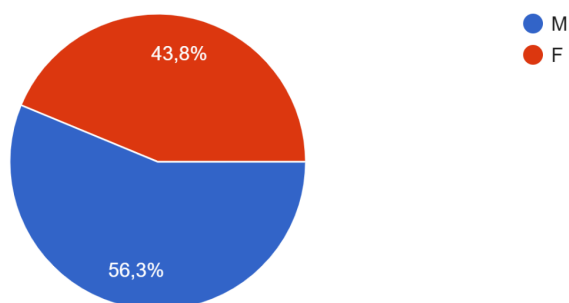
## 6. Resultados

A pesquisa foi aplicada a 80 alunos dos 8ºs e 9ºs anos do ensino fundamental, com idades entre 12 e 16 anos. Os participantes tinham em média 13 a 15 anos, sendo que a maior parte com 14 anos (50%), e a distribuição restante composta por alunos de 13 e 15 anos (23,75% cada) e um número reduzido com 12 e 16 anos.



Quanto ao sexo, a amostra apresentou leve predominância de meninos (45 - 56,25%) em relação às meninas (35 - 43,75%).

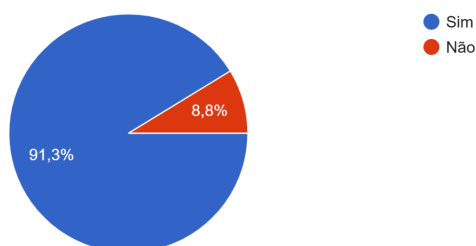
Sexo  
80 respostas



### 6.1. Participação nas aulas de Educação Física

Dos 80 alunos, 73 (91,25%) afirmaram participar regularmente das aulas de Educação Física, enquanto apenas 7 relataram não participar.

Você participa das aulas de educação física?  
80 respostas

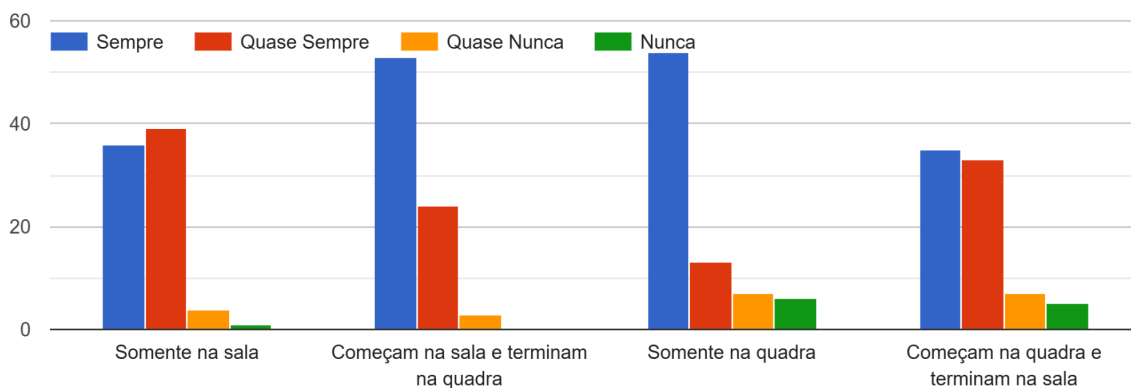


Ao

considerar os diferentes ambientes em que as aulas ocorrem, observou-se que o espaço físico influencia diretamente na adesão dos estudantes:

- Somente na sala: 39 alunos disseram participar “quase sempre”, 36 “sempre”, 4 “quase nunca” e 1 “nunca”.
- Somente na quadra: 54 responderam “sempre”, 13 “quase sempre”, 7 “quase nunca” e 6 “nunca”.
- Começando na sala e terminando na quadra: 53 alunos “sempre”, 24 “quase sempre”, e 3 “quase nunca”.
- Começando na quadra e indo para a sala: 35 “sempre”, 33 “quase sempre”, 7 “quase nunca” e 5 “nunca”.

Eu participo das aulas de educação física quando as aulas acontecem:

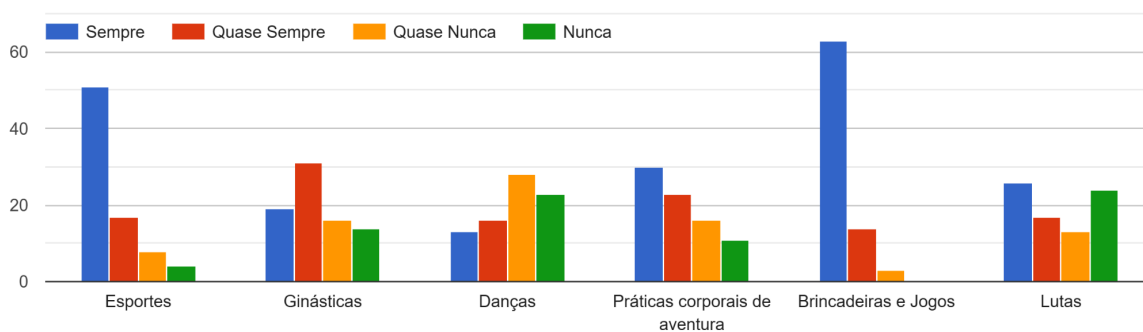


## 6.2. Participação conforme as unidades temáticas

As unidades temáticas foram apresentadas com base no currículo paulista. As respostas indicaram os seguintes níveis de participação:

- Brincadeiras e Jogos: 63 alunos “sempre”, 14 “quase sempre”, 3 “quase nunca”; nenhum “nunca”.
- Esportes: 51 “sempre”, 17 “quase sempre”, 8 “quase nunca”, 4 “nunca”.
- Práticas Corporais de Aventura: 30 “sempre”, 23 “quase sempre”, 16 “quase nunca”, 11 “nunca”.
- Ginásticas: 19 “sempre”, 31 “quase sempre”, 16 “quase nunca”, 14 “nunca”.
- Danças: 13 “sempre”, 16 “quase sempre”, 28 “quase nunca”, 23 “nunca”.

Eu participo das aulas de educação física quando a Unidade temática é:



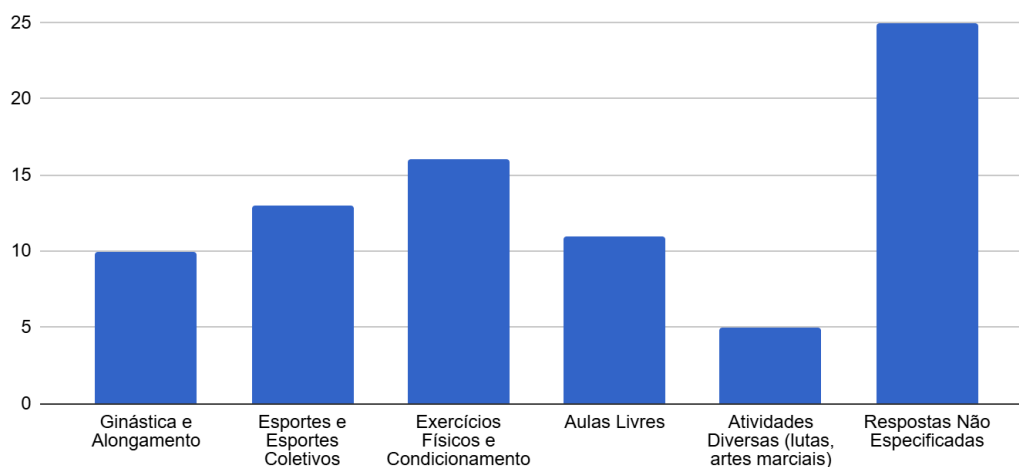
### 6.3. O que os professores mais ensinam, segundo os alunos

As respostas foram agrupadas em sete categorias principais. Os resultados mostram que os conteúdos mais reconhecidos pelos alunos foram Exercícios Físicos e Condicionamento (20%), seguidos por Esportes e Esportes Coletivos (16,25%). Em sequência, aparecem Aulas Livres (13,75%) e Ginástica e Alongamento (12,5%). As Atividades Diversas, como lutas e artes marciais, tiveram menor presença nas falas (6,25%).

<b>Categoria</b>	<b>% (Frequência-n)</b>	<b>Descrição/síntese</b>
Exercícios Físicos e Condicionamento	20%(16)	Treinos, corrida, físico, força
Esportes e Esportes Coletivos	16,25%(13)	Futebol, vôlei, basquete, etc.
Aulas Livres	13,75%(11)	Aulas sem atividade definida / jogo, livre
Ginástica e Alongamento	12,5%(10)	Alongamentos, aquecimentos, ginásticas
Atividades Diversas (lutas e artes marciais)	6,25%(5)	Judô, muay thai, jiu-jitsu, etc.
Respostas Não Especificadas	31,25%(25)	“Nada”, “não sei”, respostas vagas

Um dado que chama atenção é o percentual elevado de Respostas Não Especificadas (31,25%), composto por respostas como “não sei”, “nada” ou descrições muito vagas. Esse resultado indica que uma parte significativa dos alunos não identifica claramente o que está sendo ensinado nas aulas, o que pode estar relacionado tanto à forma como o conteúdo é apresentado quanto a maneira como os alunos atribuem sentido às experiências corporais na escola. Esse achado dialoga diretamente com a discussão de Charlot (2000), quando afirma que a aprendizagem só se torna significativa quando o aluno consegue relacionar o que vive na escola com sua própria experiência. Assim, quando o conteúdo não é percebido como algo com sentido ou finalidade, a aula tende a ser vivenciada apenas como “atividade”, e não como conhecimento. Da mesma forma, Bondía (2002) reforça que só há experiência quando algo nos afeta de verdade. Quando isso não acontece, o aluno participa, mas não se apropria do que é vivido, o que ajuda a explicar o grande número de respostas sem especificidade.

O que os professores mais ensinam, segundo os alunos



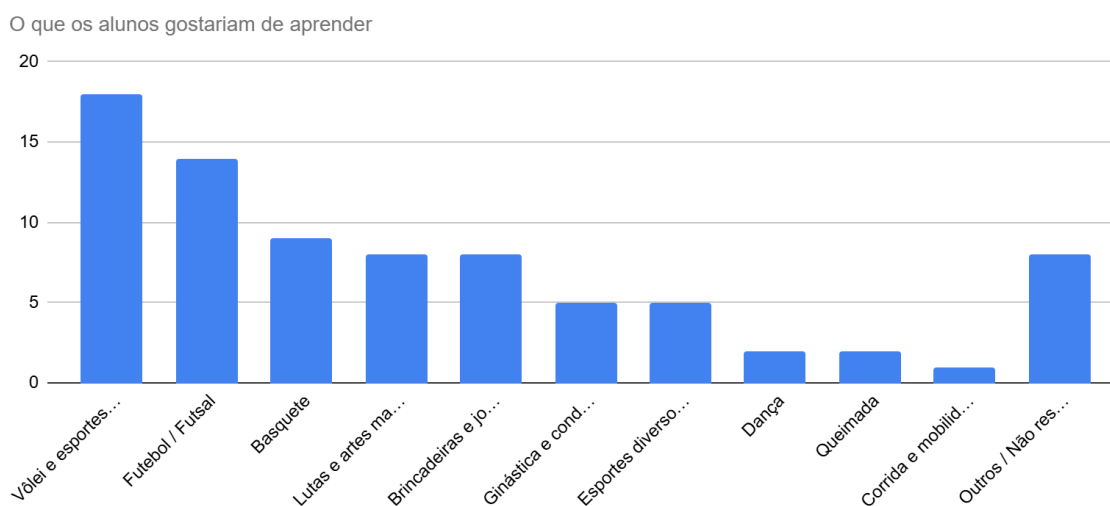
#### 6.4. O que os alunos gostariam de aprender

As respostas dos alunos evidenciam um forte interesse por conteúdos esportivos tradicionais, especialmente o vôlei (22,5%), seguido por futebol (17,5%) e basquete (11,25%), indicando que essas práticas ainda exercem papel central no imaginário dos estudantes quando pensam em Educação Física. No entanto, observa-se também a presença de demandas por lutas (10%), ginástica e condicionamento físico (6,25%) e novas modalidades esportivas (6,25%), o que revela o desejo por experiências mais variadas e técnicas, que extrapolem o caráter recreativo.

<b>Categoria</b>	<b>% (Frequência-n)</b>	<b>Descrição/síntese</b>
Vôlei e esportes de rede	22,5 %(18)	Vôlei, fundamentos, regras, participação coletiva.
Futebol / Futsal	17,5 %(14)	Futebol e futsal, com foco em aprender técnicas e regras, não apenas jogar.
Basquete	11,25 %(9)	Basquete, fundamentos técnicos.
Lutas e artes marciais	10 %(8)	Lutas, artes marciais, judô, muay thai, kickboxing.
Brincadeiras e jogos	10 %(8)	Jogos diversos, pega-pega, brincadeiras inclusivas.
Ginástica e condicionamento	6,25 %(5)	Mobilidade, condicionamento físico.
“Esportes diversos / novas modalidades”	6,25 %(5)	Práticas esportivas variadas, fora dos tradicionais.
Dança	2,5 %(2)	Atividades rítmicas e expressivas.

Queimada	2,5 %(2)	Jogos recreativos de arremesso e equipe.
Corrida e mobilidade	1,25 %(1)	Corrida, exercícios de deslocamento.
Outros / Não respondeu	10 %(8)	“Nada”, “não sei”, respostas vagas ou neutras.

As menções a brincadeiras e jogos (10%) e atividades inclusivas reforçam a importância das práticas lúdicas, especialmente quando associadas à participação de todos e à socialização. Apesar disso, a presença de respostas como “nada” ou “não sei” (10%) pode sinalizar desmotivação ou desconhecimento acerca das possibilidades da disciplina, evidenciando a necessidade de práticas pedagógicas que ampliem o repertório cultural e simbólico dos alunos.



Os resultados demonstram que, embora os esportes coletivos mantenham predominância, há abertura para uma Educação Física mais plural, que contemple tanto o desenvolvimento técnico quanto o expressivo. A valorização das lutas e da ginástica, conteúdos menos frequentes nas práticas escolares, reforça a importância de diversificar o currículo e de abordar novas formas de movimento que dialoguem com os interesses dos alunos. Isso indica um campo fértil para repensar o ensino, aproximando as propostas pedagógicas dos desejos e sentidos atribuídos pelos alunos às aulas.

### 6.5. Práticas corporais fora da escola

Apenas 55 alunos (68,75%) realizam práticas corporais fora da escola. Dentre as atividades citadas:

Categoria	% (Frequência-n)	Descrição / Exemplos
Esportes coletivos	33,75 %(27)	Futebol, vôlei, basquete, polo

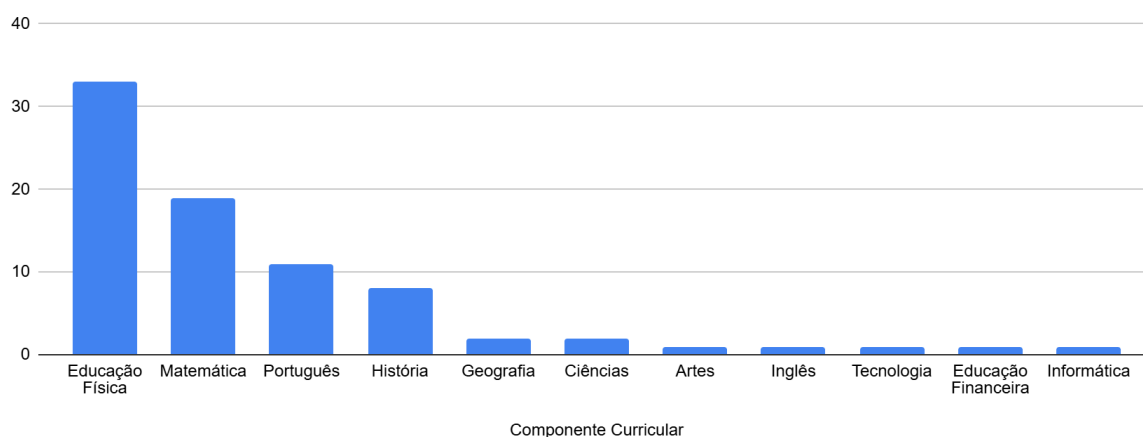
		aquático.
Artes marciais	8,75 %(7)	Judô, karatê, boxe, jiu-jitsu, kickboxing.
Academia / Musculação	15,0 %(12)	Musculação, treinos de força e condicionamento.
Dança / Ballet	5,0 %(4)	Dança livre, ballet, expressão corporal.
Outras atividades	6,25 %(5)	Natação, atletismo, treino em casa, três tambores.
Não pratica nenhuma	31,25 %(25)	Respostas “não”, “não pratico”, ou equivalentes.

Os dados revelam que 33,75% dos alunos praticam esportes coletivos fora do ambiente escolar, evidenciando a permanência das modalidades tradicionais como principal forma de mobilização corporal entre os alunos. Em contraste, 31,25% afirmaram não realizar nenhuma atividade física além das aulas de Educação Física, proporção significativa que reforça o papel central da escola como espaço privilegiado, e muitas vezes exclusivo, de acesso à prática corporal. Já 15% dos participantes frequentam academias, o que aponta para uma busca crescente por atividades associadas ao condicionamento físico e à estética corporal. As artes marciais, mencionadas por 8,75% dos alunos e em menor escala, surgem as práticas expressivas, como dança e ballet (5%), e as atividades alternativas, como natação, atletismo e treino em casa (6,25%), indicando que, embora haja certa diversidade nas vivências corporais fora da escola, o repertório dos estudantes ainda é fortemente marcado pela lógica esportiva tradicional.

#### **6.6. Componentes curriculares de maior e menor preferência**

Entre os componentes curriculares, a Educação Física foi apontada como a disciplina preferida por 33 alunos, o que representa 41,25% do total de participantes. Em seguida, aparecem Matemática, com 19 citações (23,75%), e Português, com 11 menções (13,75%). As demais disciplinas receberam percentuais menores, distribuídos entre Artes, Ciências e História.

Componentes Curriculares de Maior preferência



Por outro lado, quando questionados sobre as disciplinas de menor preferência, os estudantes destacaram principalmente Matemática com 27 alunos (33,75%), seguida de História com 15 alunos (18,75%) e Ciências com 10 alunos (12,5%).

Esses resultados indicam que, enquanto a Educação Física ocupa um lugar de destaque no interesse e na identificação dos alunos, algumas disciplinas de natureza mais teórica continuam sendo percebidas como desafiadoras ou menos atrativas.

## 7. Discussão

### 7.1. Participação dos alunos e influência do ambiente

Os dados mostram uma alta participação geral dos alunos nas aulas de Educação Física (91,25%), porém com variações significativas conforme o ambiente em que a aula ocorre. Quando realizada na quadra, 67,5% dos estudantes (54/80) afirmam participar “sempre”, enquanto nas aulas em sala esse percentual é de 45% (36/80). Esses números indicam que os dois espaços possibilitam participação, mas com sentidos diferentes atribuídos pelos alunos. Segundo Charlot (2000), a mobilização para aprendizagem depende da relação de sentido que o sujeito estabelece com a situação escolar. Assim, não se trata de afirmar que a quadra “motiva” e a sala “desmotiva”, mas que cada ambiente produz experiências distintas. Na quadra, o movimento, o espaço amplo e a interação corporal direta favorecem vivências mais ligadas ao jogo, à ação e à coletividade, dimensões valorizadas pelos estudantes e que se articulam à mobilização para participar. Já na sala, embora a participação se mantenha em uma proporção expressiva, o caráter da atividade tende a ser mais instrucional e menos vivencial, o que pode reduzir a intensidade do envolvimento, mas não elimina sua relevância no processo educativo.

Esses achados dialogam com o estudo de Betti *et al.* (2019), no qual estudantes associam ambientes abertos à sensação de envolvimento e pertencimento nas aulas de Educação Física. No entanto, essa associação não implica necessariamente aprendizagem significativa, mas sim condições mais favoráveis à experiência corporal, no sentido discutido por Bondía (2002) de que aprender envolve viver algo que nos afeta e produz sentido. O que está em jogo, portanto, não é apenas o espaço físico, mas como esse espaço permite que o aluno se reconheça como sujeito que age, se expressa e se relaciona com os outros.

Nesse sentido, a análise qualitativa realizada por Oliveira e Darido (2021b) contribui para entender esse movimento ao mostrar que alunos descrevem a quadra como um espaço “onde o corpo fala”, enquanto a sala é percebida como lugar de organização e repetição. Os resultados desta pesquisa reforçam essa interpretação: a quadra amplia as possibilidades de expressão corporal, enquanto a sala favorece momentos de orientação, conversa, planejamento e síntese. A alta participação nas aulas que começam em um espaço e terminam em outro (66,25% “sempre”) sugere que a alternância entre ambientes pode favorecer a renovação do interesse e do sentido da atividade, ao combinar prática, reflexão e interação.

Assim, a influência do ambiente na participação dos alunos não deve ser compreendida como oposição entre quadra e sala, mas como complementaridade pedagógica. O que mobiliza não é o espaço em si, mas o modo como esse espaço sustenta experiências que fazem sentido para os estudantes, possibilitando que eles se reconheçam como participantes ativos da aula.

## **7.2. Temáticas mobilizadoras: contraste tradição e inovação**

A diferença entre a grande adesão às brincadeiras e jogos (78,75% “sempre” participam) e a baixa participação em danças (28,75% “nunca” participam) expõe uma tensão que ultrapassa o gosto individual, tratando-se de um reflexo da cultura corporal hegemônica e da forma como certas práticas são percebidas socialmente. Uma pesquisa em nível nacional com 1200 adolescentes, conduzida por Silva *et al.* (2023), encontrou resultados semelhantes: jogos e brincadeiras foram associados à “diversão sem cobrança”, enquanto as danças despertaram sentimentos de “constrangimento e exposição”. Tais achados desafiam o princípio da não exclusão proposto por Betti (1995), segundo o qual a diversidade de conteúdos deve garantir acesso a todos, mas não necessariamente gera inclusão se os significados culturais não forem ressignificados.

O êxito das brincadeiras pode ser interpretado à luz de Charlot (2000), que defende que o sentido surge quando o aluno se reconhece no fazer. As brincadeiras permitem

experimentação, erro sem punição e regras construídas coletivamente, o que promove autonomia e pertencimento. No caso das danças, observa-se uma participação significativamente menor. Esse resultado pode estar relacionado ao modo como esse conteúdo é significado pelos alunos, muitas vezes associado à exposição do corpo, ao julgamento dos pares ou a referências culturais que não dialogam diretamente com seus repertórios e interesses. Assim, mais do que a forma como é ensinada, o que parece influenciar a participação é o sentido atribuído pelos estudantes a esse conteúdo, conforme aponta Charlot (2000): o aluno mobiliza-se quando reconhece valor pessoal, social ou afetivo naquilo que aprende. Nesse ponto, Darido e Rangel (2022) sugerem que o ensino das práticas expressivas deve partir da cultura dos próprios alunos, valorizando estilos e referências midiáticas próximas à sua realidade.

Um dado que chama atenção é o contraste observado nas lutas, que aparecem entre os conteúdos de menor participação efetiva nas aulas, mas também surge entre os mais desejados pelos alunos. Essa contradição revela que a baixa mobilização não decorre de desinteresse, mas de falta de oportunidade e abordagem pedagógica adequada. Souza e Darido (2022), indicam que as lutas ainda são pouco exploradas na escola por falta de formação específica dos professores e receio de lidar com a dimensão corporal do confronto. No entanto, quando mediadas pedagogicamente, com ênfase nos valores de respeito, controle e cooperação, as lutas se tornam altamente mobilizadoras.

O interesse manifestado pelos alunos neste estudo mostra um potencial reprimido de mobilização: eles reconhecem nas lutas um espaço de desafio, superação e expressão corporal, mas não encontram esse conteúdo efetivamente na prática escolar. Trata-se, portanto, de uma lacuna entre o que é valorizado culturalmente pelos alunos e o que é oferecido pelo professor, o que reforça a necessidade de repensar o modo como os conteúdos são selecionados e abordados.

### **7.3. O que é ensinado e o que os alunos gostariam de aprender**

A discrepância entre o que é ensinado (majoritariamente esportes coletivos e alongamentos) e o que os alunos desejam aprender (lutas, esportes específicos e compreensão das regras) evidencia uma distância entre o currículo vivido e os interesses reais dos estudantes. Essa distância revela um tensionamento entre o currículo prescrito e o currículo efetivamente praticado na escola.

No contexto da escola pesquisada, pertencente à rede estadual e orientada pelo Currículo Paulista, os professores tendem a seguir o planejamento já imposto, o que muitas

vezes resulta em práticas engessadas e repetitivas. Embora o currículo incentive a diversidade de manifestações da cultura corporal de movimento, na prática, o que se observa é a prevalência de aulas centradas no esporte tradicional, com pouco tratamento pedagógico. Essa dinâmica parece responder mais à necessidade de manter a rotina escolar e cumprir o calendário do que à criação de condições para que os alunos atribuam sentido às experiências vividas na aula, aspecto fundamental para a mobilização segundo Charlot (2000).

A literatura aponta que essa prevalência dos esportes tradicionais não é uma particularidade desta escola. Betti *et al.* (2014), ao desenvolverem o instrumento utilizado nesta pesquisa, identificaram que a motivação dos estudantes aumenta quando os conteúdos dialogam com seus repertórios corporais. Da mesma forma, Carvalho (2022) evidencia esse cenário ao apontar que 68% dos docentes utilizam atividades genéricas para “manter o controle da turma”, enquanto 72% dos alunos preferem aulas com propósito técnico e pedagógico.

Nesse sentido, é possível inferir que o baixo alinhamento entre o ensino e o desejo dos alunos, somado às limitações estruturais e à falta de formação continuada, compromete a mobilização dos alunos e reduz o potencial transformador da Educação Física. Como destaca Charlot (2000), o aluno se mobiliza quando percebe sentido e possibilidade de apropriação pessoal no que aprende, algo que depende, em grande medida, da mediação intencional e comprometida do professor.

Portanto, a questão que emerge não é apenas “o que se ensina”, mas como e por que se ensina. O desafio consiste em reinterpretar o currículo à luz da realidade dos alunos, tornando a Educação Física um espaço de experiência e pertencimento, e não apenas de reprodução de modelos.

#### **7.4. Práticas corporais fora da escola e a importância da EF escolar**

Os resultados indicam que 55 alunos (68,75%) realizam práticas corporais fora da escola, enquanto 25 (31,25%) não praticam nenhuma atividade regular. Dentre os que praticam, destaca-se a prevalência dos esportes coletivos (33,75%), seguidos por academia/musculação (15%), artes marciais (8,75%), e, em proporções menores, dança e outras modalidades. Essa distribuição reforça que o repertório corporal dos estudantes ainda é fortemente marcado pela lógica esportiva tradicional, que também se expressa nas aulas de Educação Física. O dado de que 31,25% dos alunos não vivenciam práticas corporais fora da escola é particularmente significativo. Para esses estudantes, a Educação Física constitui-se como o principal e, em alguns casos, o único espaço de acesso à cultura corporal de

movimento, confirmando seu papel de formação integral previsto pelas orientações curriculares estaduais. Assim, a escola aparece não apenas como lugar de prática, mas como espaço de introdução ao movimento, de ampliação de repertórios e de construção de sentidos sobre o corpo.

A permanência ou abandono das práticas corporais fora da escola pode ser compreendida à luz da noção de mobilização proposta por Charlot (2000). O aluno tende a continuar se movimentando quando a experiência vivida na aula adquire valor para ele, quando reconhece significado pessoal e possibilidade de apropriação do que aprende. Assim, participar não se resume ao estar presente fisicamente, mas envolve um movimento interior de interesse, reconhecimento e vínculo com o conteúdo. Nesse sentido, o fato de as práticas mais comuns fora da escola, como futebol, vôlei e lutas, coincidirem com os conteúdos mais desejados pelos alunos nas aulas sugere que a mobilização não se dá apenas pela atividade em si, mas pela relação que o estudante estabelece com ela. Estudos como o de Betti *et al.* (2014) mostram que a escola pode atuar como mediadora entre as experiências corporais já presentes na vida dos alunos e novas possibilidades de movimento. Quando a aula amplia o repertório e possibilita vivências que dialogam com os interesses dos estudantes, ela não apenas favorece a participação no contexto escolar, mas pode influenciar a continuidade dessas práticas fora da escola.

A presença de modalidades como academia e musculação (15%), ainda que minoritária, evidencia uma tendência de busca pelo condicionamento físico e pela estética corporal, aspectos fortemente influenciados por discursos midiáticos sobre saúde e corpo. Isso sugere que a Educação Física pode desempenhar papel crítico ao problematizar, e não apenas reproduzir, tais narrativas, contribuindo para que o aluno elabore uma relação mais consciente e autônoma com seu corpo.

Dessa forma, os dados permitem afirmar que a Educação Física escolar não deve ser apenas um espaço de experimentação, mas de experiência, se aproximando daquilo que Larrosa (2002) entende como experiência, isto é, uma vivência que deixa marcas, produz memória e permanece no sujeito mesmo após o término da aula. Quando o aluno encontra sentido no movimento, a escola se transforma em ponto de partida para práticas corporais ao longo da vida, e não em única referência ou última oportunidade de contato com elas.

## **8. Conclusão**

A presente pesquisa teve como objetivo identificar e analisar os fatores mobilizadores nas aulas de Educação Física, a partir da percepção dos alunos. Os resultados mostraram que a

participação e a mobilização dos estudantes estão profundamente ligadas ao ambiente em que as aulas acontecem, aos conteúdos selecionados e à forma como os professores os conduzem.

Os dados revelaram que as aulas realizadas na quadra despertam maior envolvimento, seguidas das que transitam entre a sala e o espaço externo. Esse achado indica que o ambiente físico exerce papel determinante na mobilização dos alunos, por possibilitar maior liberdade de movimento e interação. A predominância das brincadeiras e jogos como conteúdos mais participativos reforça a importância da ludicidade e da autonomia na construção de experiências corporais significativas. Em contrapartida, conteúdos como danças e lutas, embora pouco presentes nas práticas docentes, despertam forte interesse entre os estudantes, revelando uma lacuna entre o que é ensinado e o que os alunos gostariam de vivenciar.

Outro ponto relevante foi a constatação de que, mesmo com alta participação nas aulas, grande parte dos alunos (25 alunos ou 31,75%) não pratica atividades físicas fora da escola. Isso reforça o papel da Educação Física escolar como espaço essencial de acesso à cultura corporal de movimento, especialmente em contextos em que as oportunidades externas são limitadas. A pesquisa evidencia, portanto, que a escola tem potencial não apenas de ensinar, mas de inspirar hábitos de movimento que se estendam para além dela.

Os resultados também apontam para desafios importantes: o distanciamento entre as práticas dos professores e os interesses dos alunos, a influência do currículo padronizado e o despreparo de parte dos professores para abordar determinados conteúdos de maneira significativa. Tais fatores ajudam a explicar a ocorrência de aulas genéricas e pouco mobilizadoras e fazem surgir uma nova perspectiva de não buscar entender apenas “o que se ensina”, mas como e por que se ensina, reinterpretando o currículo à luz da realidade dos alunos, a fim de tornar a Educação Física um espaço de experiência e pertencimento.

Como contribuição, este estudo reforça a necessidade de um ensino que considere a escuta dos alunos, a diversificação dos conteúdos e a formação continuada dos professores. A mobilização não depende apenas do aluno, mas do modo como o professor organiza as experiências corporais, tornando-as relevantes, desafiadoras e prazerosas.

Por fim, reconhece-se que a pesquisa se limitou a uma escola e a um número específico de participantes, o que não permite generalizações. Contudo, os dados obtidos fornecem indicativos importantes para repensar as práticas pedagógicas da Educação Física escolar, valorizando o diálogo entre currículo e realidade, e fortalecendo o papel desse componente curricular na formação integral dos estudantes.

## 9. Referências

- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BETTI, M. *Educação física e sociedade*. São Paulo: Movimento, 1991.
- BETTI, M. A educação física não é mais aquela. *Motriz*, Rio Claro, v. 1, n. 1, p. 81–83, 1995.
- BETTI, M.; LIZ, C. M.; LOPES, F.; MENEZES, R. Fatores mobilizadores nas aulas de Educação Física: um estudo com estudantes do ensino fundamental. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 36, n. 2, p. 423–431, 2014.
- BETTI, M. et al. A experiência corporal e o engajamento dos estudantes nas aulas de Educação Física: um estudo multicêntrico. *Motrivivência*, v. 31, n. 60, p. 1–15, 2019.
- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20–28, 2002.
- BRACHT, V. *Educação Física e aprendizagem social*. Porto Alegre: Movimento, 2003.
- CARVALHO, A. L. de. Concepções docentes e expectativas discentes sobre os conteúdos da Educação Física escolar. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 36, n. 2, p. 211–224, 2022.
- CASTELLANI FILHO, L. *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*. Campinas: Papirus, 1989.
- CHARLOT, B. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- CHARLOT, B. *Os jovens e o saber: perspectivas mundiais*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- CONFED – Conselho Federal de Educação Física. *Relatório nacional sobre atividade física e educação física escolar no Brasil*. Rio de Janeiro: CONFED, 2023.
- CRESWELL, J. W.; CLARK, V. L. P. *Pesquisa de métodos mistos*. Porto Alegre: Penso, 2007.
- DARIDO, S. C. *Educação Física na escola: questões e reflexões*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

DARIDO, S. C. Educação física na escola: realidade, aspectos legais e possibilidades. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. *Caderno de formação: formação de professores – didática geral*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 21–33. v. 16.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. M. *Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2022.

FERREIRA, H. S.; SAMPAIO, J. C. *Tendências e abordagens pedagógicas da Educação Física escolar e suas interfaces com a saúde*. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2013.

FREIRE, J. B.; SCAGLIA, A. *Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física*. São Paulo: Scipione, 2003.

GHIRALDELLI JÚNIOR, P. *Educação física progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a Educação Física brasileira*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1994.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GOMES, R. T. Permanência em práticas corporais: fatores associados à continuidade da atividade física após a escola. *Revista Movimento*, v. 27, p. e27025, 2021.

KUNZ, E. *Educação Física: ensino e mudanças*. Ijuí: Unijuí, 1994.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. *Fundamentos de metodologia científica*. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MARTINS, A.; FREIRE, E. O envolvimento dos alunos nas aulas de Educação Física: um estudo de caso. *Pensar a Prática*, v. 16, n. 3, p. 521–531, 2013. DOI: 10.5216/rpp.v16i3.19222.

MINAYO, M. C. de S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

OLIVEIRA, R.; DARIDO, S. C. Percepções de alunos sobre o papel da Educação Física na escola: significados, práticas e desafios. *Revista Movimento*, v. 27, p. e27029, 2021a.

OLIVEIRA, F. A. de; DARIDO, S. C. O sentido da Educação Física para os alunos: percepções e experiências no ensino médio. *Revista da Educação Física/UEM*, v. 32, p. e32207, 2021b.

SILVA, J. A. da; MENEZES, D.; PEREIRA, L. Percepções de adolescentes sobre os conteúdos da Educação Física escolar. *Revista Corpoconsciência*, v. 27, n. 1, p. 45–58, 2023.

SOARES, C. L. et al. *Metodologia do ensino da Educação Física*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

SOUZA, K. R.; KERBAUY, M. T. M. Abordagem quanti-qualitativa: superação da dicotomia quantitativa-qualitativa na pesquisa em educação. *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 31, n. 61, p. 21–44, 2017.

SOUZA, V.; DARIDO, S. C. As lutas nas aulas de Educação Física: desafios e possibilidades na escola. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 44, n. 1, p. 1–12, 2022.

TANI, G.; MANOEL, E. J.; KOKUBUN, E. *Educação Física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista*. São Paulo: EPU, 1988.

## 10. Anexo

### 10.1. TCLE



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
Campus Universitário de Bauru  
Faculdade de Ciências/Departamento de Educação



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/2012/Resolução 510/2016)

Bauru, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2024.

O/A menor \_\_\_\_\_, sob sua responsabilidade, está sendo convidado/a como voluntário/a para participar da pesquisa "FATORES MOBILIZADORES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: PERCEPÇÕES E EXPERIÊNCIAS DOS ALUNOS". A Pesquisa é parte do Projeto submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa registrado com o Parecer Consubstanciado CEP n° 3.261.852. O objetivo do trabalho é compreender segundo os próprios alunos os "temas" que os fazem participar das aulas de educação física. Quais "temas" são os mais ensinados pelos professores e dentre estes, quais trazem maior e menor significado. As atividades propostas ao seu/sua filho/a, caso concorde, será a aplicação de um breve questionário com questões abertas e fechadas sobre a frequência e participação nas aulas, relacionando as unidades temáticas em que mais participa e o que gostaria de ter nas aulas. O tempo para preenchimento do questionário é de aproximadamente 2 minutos e será aplicado no período em que o aluno estiver na escola, com o cuidado de não prejudicar o andamento nem a atenção do aluno em nenhuma aula. O/A Sr./a poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação dele/a quando desejar. A participação dele/a é voluntária e a recusa em participar não acarretará penalidade ou modificação na forma pela qual é atendido/a nas aulas de Educação Física ou em qualquer outra atividade da escola. Os riscos que porventura possam ocorrer é do participante sentir algum desconforto em responder a alguma pergunta, caso algum outro incômodo ocorra, a criança participante ou o(a) senhor(a) poderá comunicar o pesquisador responsável para a adequação da(s) pergunta(s). Os resultados finais da pesquisa, caso queira, estarão à disposição quando finalizada. As informações coletadas na pesquisa ficarão arquivadas com o pesquisador por um período de cinco anos e, após esse tempo, serão destruídas. É assegurada a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não rotulação dos participantes, garantindo a não utilização das informações em prejuízo aos mesmos, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou de aspectos econômico-financeiros. Poderá ser utilizada a imagem do participante para ilustrar o trabalho, bem como gravações em vídeos para demonstração da forma como foi desenvolvida a pesquisa. A identificação do/a menor não será divulgada e nem a repassaremos para qualquer outra pessoa, sendo os dados utilizados apenas para fins da pesquisa, sem nenhuma identificação dos participantes. Durante toda a pesquisa, iremos cumprir a resolução n.º 466 de dezembro de 2012 do CNS, que trata do respeito ao ser humano nas pesquisas. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador e a outra ficará com o/a Sr./a.

Eu, \_\_\_\_\_, portador (a) do documento de Identidade \_\_\_\_\_, responsável pelo/a menor \_\_\_\_\_, fui informado/a sobre os objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar a decisão do/a menor sob minha responsabilidade de participar, se assim o desejar. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Assinatura do/s responsável

Assinatura pesquisadora

Nome do Pesquisador Responsável: Marcos Kaleb Leme da Silva Villela Peres. Whatsapp: (14) 99665-3978/E-mail: [kaleb.villela@unesp.br](mailto:kaleb.villela@unesp.br). Contato do Comitê de Ética da Faculdade de Ciências/UNESP/Bauru Coordenador: Prof. Dr. Mário Lázaro Camargo Fone: (14) 3103-9400 / E-mail: [cepesquisa@fc.unesp.br](mailto:cepesquisa@fc.unesp.br)

## 10.2. TALE



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
Campus Universitário de Bauru  
Faculdade de Ciências/Departamento de Educação



Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE (Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/2012/Resolução 510/2016)

Bauru, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2024.

Este é um convite para você participar da pesquisa "FATORES MOBILIZADORES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: PERCEPÇÕES E EXPERIÊNCIAS DOS ALUNOS", coordenada pela professor pesquisador Marcos Kaleb Leme da Silva Villela Peres. O/A responsável por você permitiu a participação. A Pesquisa é parte do Projeto submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa registrado com o Parecer Consubstanciado CEP nº 3.261.852.

Queremos analisar quais os "temas" que fazem vocês participarem das aulas de educação física, quais temas são os mais ensinados pelos seus professores e dentre estes, quais trazem maior e menor significado. Você só precisa participar da pesquisa se quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir. Também não terá nenhum problema se quiser desistir depois de ter iniciado sua participação. Outras crianças e/ou adolescentes participantes desta pesquisa têm de 12 anos de idade a 15 anos de idade

A pesquisa será feita nas aulas de educação física que ocorrem na escola e os participantes (crianças/adolescente) irão responder a um questionário bem simples e rápido sobre a frequência e participação nas aulas, assim como as unidades temáticas que mais costumam participar. Para isso, será usado um computador ou até mesmo o celular. A sua participação contribuirá para estudos posteriores sobre o assunto na área da educação. Os riscos da pesquisa que porventura podem ocorrer é do participante sentir algum desconforto em responder a alguma pergunta, caso algum outro incômodo ocorra, a criança participante poderá comunicar o pesquisador responsável para a adequação da(s) pergunta(s), sendo que o pesquisador tomará as devidas providências, oferecendo todo o suporte necessário. É assegurada a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não rotulação dos participantes, garantindo a não utilização das informações em prejuízo aos mesmos, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou de aspectos econômico-financeiros. Poderá ser utilizada a imagem do participante para ilustrar o trabalho, bem como gravações para demonstração da forma como foi desenvolvida a pesquisa. Caso você não entenda ou não goste de qualquer questão durante o questionário, ou tenha alguma dúvida sobre a pesquisa, você pode procurar o pesquisador Marcos Kaleb Leme da Silva Villela Peres pessoalmente ou pelo whatsapp (14) 99665-3978. Não vamos falar seu nome/identificação em nenhum lugar, nem repassaremos suas informações a qualquer outra pessoa. O que você fizer ou falar durante a pesquisa ficará guardado em local seguro e arquivado pelo professor/pesquisador. Os seus direitos como pessoa serão respeitados, seguindo as orientações da resolução nº 466 de dezembro de 2012 do CNS que garante o respeito ao ser humano.

Eu \_\_\_\_\_ aceito participar do trabalho. Entendi que posso dizer "sim" e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer "não" e desistir.

O pesquisador esclareceu minhas dúvidas e conversou com os meus responsáveis. Recebi uma via deste termo de assentimento.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) menor

\_\_\_\_\_  
Assinatura pesquisadora

Nome do Pesquisador Responsável: Marcos Kaleb Leme da Silva Villela Peres. Whatsapp: (14) 99665-3978/E-mail: [kaleb.villela@unesp.br](mailto:kaleb.villela@unesp.br). Contato do Comitê de Ética da Faculdade de Ciências/UNESP/Bauru Coordenador: Prof. Dr. Mário Lázaro Camargo Fone: (14) 3103-9400 / E-mail: [cepesquisa@fc.unesp.br](mailto:cepesquisa@fc.unesp.br)

## 10.3. QUESTIONÁRIO

### Pesquisa Educação Física

Questionário sobre a participação nas aulas de Educação Física

\* Indica uma pergunta obrigatória

1. Nome: \*

\_\_\_\_\_

2. Idade \*

\_\_\_\_\_

3. Sexo \*

Marcar apenas uma oval.

M

F

4. Turma? (ex: 6ºA, 9ºD) \*

\_\_\_\_\_

5. Você participa das aulas de educação física? \*

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

#### PARTE 1

Por favor preencha a tabela abaixo conforme sua participação nas aulas de educação física, assinalando a opção que mais identifica sua participação nas aulas:

**Sempre (Quando sempre participa)**

**Quase Sempre (Quando participa na maioria das vezes, mas não é sempre)**

**Nunca (Quando nunca participa)**

**Quase Nunca (Quando participa poucas vezes)**

6. Eu participo das aulas de educação física **quando as aulas acontecem:** \*

Marcar apenas uma oval por linha.

	Sempre	Quase Sempre	Quase Nunca	Nunca
Somente na sala	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Começam na sala e terminam na quadra	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Somente na quadra	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Começam na quadra e terminam na sala	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

7. Eu participo das aulas de educação física **quando a Unidade temática é:** \*

Marcar apenas uma oval por linha.

	Sempre	Quase Sempre	Quase Nunca	Nunca
Esportes	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ginásticas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Danças	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Práticas corporais de aventura	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brincadeiras e Jogos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Lutas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

#### PARTE 2 - Questões abertas

8. O que seu professor mais ensina nas aulas de Educação Física? \*

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

9. O que você gostaria de aprender nas aulas de Educação Física? \*

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

10. Você realiza alguma prática corporal fora da escola (Ex.: aula de futebol, judô, dança, etc.)? Qual? \*

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

#### PARTE 3

Elenque os três componentes curriculares (matérias) que MAIS se identifica (MAIS gosta), por ordem de interesse.

11. 1ª - 2ª - 3ª \*

\_\_\_\_\_

Elenque os três componentes curriculares (matérias) que MENOS se identifica (MENOS gosta), também por ordem.

12. 1ª - 2ª - 3ª \*

\_\_\_\_\_

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários